

Revisão Técnica
Isadora Valencise Gregolin

Diagramação
Cláudia Silene Pereira de Oliveira

Projeto Gráfico e Elaboração de Capa
Dez e Dez Multimeios/Galeria Design

Impressão e acabamento
Gráfica Suprema

Ficha Catalográfica elaborada pela Seção de Tratamento da Informação da Biblioteca Prof. Achille Bassi¹ - Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação - ICMC/USP

G819f Gregolin, Maria do Rosário.
Foucault e Pécheux na construção da análise do discurso :
diálogos e duelos / Maria do Rosário Gregolin. – São Carlos :
ClaraLuz, 2004.
210 p. : 21 cm

ISBN 85-88638-07-X

1. Análise do discurso. I. Título.

2004
Editora Claraluz
Rua Rafael de A. Sampaio Vidal, 1217
CEP 13560-390 - Centro / São Carlos - SP
Fone/Fax: (16) 274 8332
www.editoraclaraluz.com.br

1.1 A imersão na História

É impossível pensar o campo dos estudos da linguagem, hoje, sem nos deslocarmos ao final dos anos 50 e olhar o desenho que se insinuou na sua visada epistemológica com a aventura “estruturalista” que reuniu personagens tão díspares como Lévi-Strauss, Dumézil, Jakobson, Althusser, Barthes, Greimas, Lacan, Foucault... Mirando a abordagem fenomenológica – na figura ícone de Sartre² – como grande oponente, de cujo sistema se deveria afastar para construir a “modernidade”, os diversos “estruturalismos” franceses interligaram pesquisas que atravessaram o século XX desde o seu início (com a fundação, atribuída ao “estruturalista *avant la lettre*” que foi Saussure), firmaram-se, triunfantes, a partir dos anos 1950 até o final dos anos 1970, e entraram em franco declínio a partir dos anos 80. Essa história de apogeu e declínio, nas palavras de Dosse (1993; 1994) constitui um momento de glória (o “campo do signo”) e sua posterior desgraça (“o canto do cisne”). Talvez não precisemos ser tão dramáticos. No entanto, o fato de vários estudiosos terem se dedicado a balanços dessa “aventura”, nos anos 1980 e 1990, indica que algo se transformou drasticamente no final dos anos 1970, e que as décadas posteriores anunciaram a hora de repensar a importância, os efeitos – e os defeitos – desse movimento que sacudiu as ciências humanas do século XX. Se os olhares pessimistas predominam hoje (como PAVEL, 1988), é necessário compreender o alcance dessa convulsão que, em seus excessos, em sua poderosa força de renovação e em seus desvios, constituiu a maior parte dos conceitos que mobilizamos, a partir de então, no campo das ciências humanas.

O êxito crescente experimentado pela noção de *sistema* e depois de *estrutura* encontra-se vinculado ao conjunto das mutações das disciplinas científicas no final do século XIX, principalmente à sua capacidade para explicar a interdependência dos elementos

² E, nem tanto Merleau-Ponty, que em seus últimos escritos – como o texto inacabado, *A prosa do Mundo*, 1961 – volta-se para o problema da linguagem a partir das idéias saussureanas.

constitutivos dos objetos de estudo. Essa mutação afetou tanto a sociologia, quanto a lingüística, tanto a economia quanto a biologia (DOSSE, 1993, p. 34). Presente nas intuições de vários estudiosos na virada dos séculos XIX-XX (Marx, Freud, Durkheim etc), a noção de “estrutura” será difundida, na França, pela interpretação das formulações saussureanas sobre o “sistema” lingüístico. Por isso, costuma-se atribuir a Saussure o gesto fundador do *estruturalismo*, expresso no seu *Curso de Lingüística Geral* (1916).

O texto “Saussure depois de meio século” (BENVENISTE, 1963), dá a dimensão da importância do lingüista genebrino para as idéias estruturalistas. Para Benveniste, nessa sua fala do início dos anos 1960, o pensamento saussureano é tão fundamental a ponto de não haver “um só lingüista que não lhe deva algo”, “uma só teoria geral que não mencione o seu nome”. Esse reconhecimento póstumo se deve ao fato de ele ter sido “o homem dos fundamentos”, que buscou fundar a ciência lingüística ancorando-se em uma nova forma de produzir conhecimento e, assim, forjou novas dimensões para o estudo da linguagem. Ao perguntar-se sobre o objeto da ciência lingüística (o “real da língua”, segundo PÉCHEUX, 1982) e o método a ser empregado na análise desse objeto, ele encontrou a complexidade da linguagem, sua dualidade opositiva, que constitui o *sistema*: dualidade articulatória / acústica; do som e do sentido; do indivíduo e da sociedade; da língua e da fala; do material e do não-substancial; do paradigmático e do sintagmático; da identidade e da oposição; do sincrônico e do diacrônico etc.³

³ “A primeira posição, rigorosa e conscientemente estruturalista, é a de Saussure. (...) A primeira ‘idéia-força’ de Saussure foi a necessidade de levar em conta o que ele chamou de ‘estados de língua’ (...) fugindo do historicismo do eterno *devenir* das línguas. (...) Ao considerar a língua como uma instituição, viu-a no seu feixe de relações (...) Para ele, as mudanças vêm de forças externas, que tornam o equilíbrio do sistema instável, com rupturas e em seguida reorganização (...) Saussure foi um sincronista. (...) [A oposição entre sincronia e diacronia] é a única restrição que o Círculo Lingüístico de Praga faz a uma obra que lhe serviu de inspiração. (...) [A reintrodução da problemática da história] tem uma grande significação nos estudos de Benveniste: ‘para chegar à concreticidade histórica, para repor o contingente na necessidade que lhe é própria.’ (MATTOSO CÂMARA Jr., 1973)

A difusão das idéias saussureanas seguirá uma trajetória exponencial. De um primeiro momento encerrado em pequenos círculos – Moscou, Praga, Copenhagen, Viena – a história das perseguições políticas do século XX provocará o encontro, no exílio (Estados Unidos) de Roman Jakobson (que participara, nos anos 20, do Círculo de Moscou, depois do de Praga) com Lévi-Strauss e, a partir deles, deu-se a chegada das idéias estruturalistas na França, no início dos anos 1950.

A grande inovação de Lévi-Strauss foi a transferência dos modelos lingüísticos para o estudo da antropologia. Para ele, tratava-se de utilizar as propostas da lingüística como ferramentas capazes de aproximar a antropologia da cultura, do simbólico, retirando-a dos antigos modelos naturalistas ou biológicos⁴. A publicação de *Estruturas Elementares do Parentesco* (1949) e, posteriormente, de *Antropologia Estrutural* (1958) transformará Lévi-Strauss no responsável pelo fenômeno que será denominado como “a virada lingüística”: a transformação das idéias desenvolvidas no interior da Lingüística em modelo para outros campos das ciências humanas. É o momento do estruturalismo triunfante, sendo a Lingüística considerada a “ciência piloto”, entendida como aquela que oferecia o modelo de cientificidade para disciplinas vizinhas. Segundo Dosse (2001, p. 296), “os setores mais afetados pelo contágio lingüístico foram disciplinas que se encontravam numa situação ainda precária no plano institucional ou que estavam em busca de uma identidade marcada por contradições internas entre suas pretensões à positividade científica e sua relação com o plano político”. Devido a essa conjuntura, o estruturalismo apresentou-se como um projeto unificador: pareceu necessário, no final dos anos 60, unificar as diversas tentativas de renovação das ciências humanas numa única corrente, senão numa única disciplina,

⁴ A proposta de Marcel Mauss de que a vida social é permeada pelas relações simbólicas leva Lévi-Strauss a estabelecer uma aproximação entre a antropologia e a psicanálise. Esse encontro entre antropologia, lingüística e psicanálise está na base de um programa estruturalista, definido por Lévi-Strauss como uma teoria do simbólico enraizada na sistematicidade das regras da linguagem e do social.

mais geral que a lingüística – a Semiologia que, já preconizada por Saussure, poderia fornecer instrumentos teóricos para tratar de “todos os sistemas de signos no seio da vida social” e, assim atender à necessidade de renovação de várias áreas do campo das ciências humanas.

No contexto francês é interessante notar que a incorporação dos conceitos saussureanos acontecerá primeiro em disciplinas como a antropologia e a sociologia e só depois alcançará a lingüística propriamente dita. Isso se deve ao fato de que, na França, a Lingüística tinha fortes opositores nas principais universidades, onde ainda prevaleciam os estudos de Filologia e de Gramática. A circulação das idéias de Saussure só vai ocorrer a partir dos anos 1960, com a volta de Martinet do exílio e com a publicação de artigos de pesquisadores como Greimas (1956) que mostraram que a Lingüística era evocada em vários campos das Ciências Humanas (Merleau-Ponty na Filosofia; Lévi-Strauss na antropologia; Barthes na Literatura; Lacan na Psicanálise) e, no interior da própria Lingüística, pouca ressonância tinham as novas idéias estruturalistas. Para Greimas, era hora de repor Saussure em seu devido lugar. E isso vai-se dar, no projeto greimasiano, por meio da leitura de Hjelmslev. Ao mesmo tempo, há uma corrente estruturalista nos Estados Unidos que se desenvolve desde os anos 1950, com Bloomfield, Harris, Pike e que tem fortes raízes na antropologia e na descrição de línguas indígenas⁵.

Apesar de o “estruturalismo” ter-se constituído como um

⁵ No Brasil, a entrada das idéias estruturalistas, nas Letras, coincidiu com o período de ditadura militar, nos anos 60. Várias pesquisas em Antropologia já adotavam esse ponto de vista desde os anos 50, pois Lévi-Strauss foi professor no curso de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP) e aqui realizou pesquisas que resultaram no livro *Tristes Trópicos* (1955). Quando a onda estruturalista chegou às Letras (e é preciso destacar que, na Lingüística, via Mattoso Câmara, vai-se impor o estruturalismo americano), acontece de ser associada à idéia de “alienação”, motivo pelo qual – até hoje, mesmo sem saber-se exatamente por quê – há uma idéia pejorativa em relação ao “estruturalismo” (afirmações lugares-comuns como “Althusser estruturalizou Marx” são freqüentes nas Ciências Sociais...). Um debate, que é hoje um clássico, foi travado entre Otto Maria Carpeaux (que publicou o artigo “O estruturalismo é o ópio dos literatos” na revista *Civilização Brasileira* em junho de 1967) e Carlos Henrique de Escobar (que respondeu ao ataque em “Resposta a Carpeaux: estruturalismo”, na revista *Tempo Brasileiro* 15/16, 1968).

movimento muito diversificado, uma certa relação com as formulações da lingüística saussureana era uma espécie de projeto comum a todas as tendências. Por isso, o movimento estruturalista empreende um constante retorno a Saussure. O *Curso de Lingüística Geral* foi interpretado como o momento de um corde entre uma lingüística pré-científica e uma Lingüística fundada em hipóteses e método rigorosos, como o momento de instauração da “ciência do signo”: a abordagem descritiva, a prevalência do sistema, a preocupação em definir as unidades elementares a partir de procedimentos construídos e explícitos; a idéia fundamental da arbitrariedade do signo; a visão da língua como sistema de signos a partir do princípio semiológico (teoria do valor); a noção de sistema, que propõe uma postura abstrata conceitual, pois cada elemento é relacional, tira seu valor da relação; a oposição sincronia / diacronia⁶ etc. Ao estabelecer que a língua é um sistema de valores constituído não por conteúdos ou produtos de uma vivência mas por diferenças puras, Saussure a colocou do lado da abstração, separando-a do empirismo e das considerações psicologizantes⁷. Ao fundar a Lingüística como disciplina autônoma, ela vai, por seu rigor e seu grau de formalização, oferecer às outras ciências humanas o seu método e o seu programa. Essa transposição ocorre com base em uma generalização daquilo que foi formulado por Saussure em relação ao sistema lingüístico, sua organização estrutural:

O estruturalismo não é uma teoria nem um método; é um ponto de vista epistemológico. Parte da observação de que todo conceito num dado sistema é determinado por todos os outros conceitos do mesmo

⁶ Saussure deu sistematicidade a idéias que já circulavam no final do século XIX, como, por exemplo, a noção de “sistema” que já estava consolidada na biologia; do mesmo modo, a idéia da arbitrariedade do signo já era aceita pelos neo-gramáticos etc.

⁷ Entretanto, como afirma Pêcheux (1969, p. 71), ao estabelecer a “fala” como individual e assistemática, Saussure deixou a porta aberta para a entrada do sujeito soberano e psicologizado: “mesmo que explicitamente ele [Saussure] não o tenha desejado, é um fato que essa oposição (língua/fala) autoriza a reaparição triunfal do sujeito falante como subjetividade em ato, unidade ativa de intenções que se realizam por meios colocados a sua disposição. A análise do discurso, na proposta pecheutiana, estabelecerá seu objeto – discurso – a partir da crítica a esse corte entre língua e fala operado por Saussure.

D
at (para)
 sistema, enada significa por si próprio. Só se torna inequívoco, quando integrado no sistema, na estrutura de que faz parte e onde tem lugar definido. (...) Para o estruturalista, há uma inter-relação entre os dados, ou fatos e os pressupostos filosóficos, em vez de uma dependência unilateral. Daí se segue que não se trata de buscar um método exclusivo, que seja o único correto, mas que, ao contrário, o material dita a procura do método. (...) O estruturalismo procura integrar os fatos num feixe de relações que ponha em evidência a sua inequívocidade dentro de uma superordenação e de uma ordenação. Numa palavra, a estrutura global é mais do que a súpula mecânica das propriedades dos seus componentes, pois determina propriedades novas (GARVIN, 1963).

Por detrás do rótulo “estruturalismo”, há diferenças e compromissos essenciais. Compromisso, por exemplo, na crítica ao projeto fenomenológico (ao existencialismo, à idéia do sujeito soberano, fonte do sentido) a partir da abordagem rigorosa, da cientificidade possibilitada pela idéia da “relação entre os elementos de um sistema”. Essa busca das estruturas, da organização, da explicação dos elementos que se relacionam e constituem um todo complexo e coerente, levará Foucault (1966a, p. 221) a afirmar: “o estruturalismo não é um método novo; é a consciência desperta e inquieta do saber moderno”.

No entanto, se pensarmos esse amplo movimento como um fragmento na história dos conhecimentos, a reconstituição de toda a sua complexidade é impossível, já que “os contornos da referência estruturalista são sobremaneira vagos, difusos”. Há uma pluralidade de abordagens que a rotulação faz parecer homogênea, ocultando as diferenças. São essas diferenças que levam, por exemplo, Pavel (1988) a uma classificação desses estruturalismos em três grandes tendências:

a) **o estruturalismo moderado**, cujos estudiosos tinham o desejo de formalização, para fugir ao impressionismo e ao subjetivismo analítico, buscando conceitos e métodos na lingüística estrutural. Entretanto, realizaram apenas aproximações com esses conceitos e métodos, como se pode verificar nos trabalhos de Todorov, Genette, Bremond;

b) **o estruturalismo cientificista**, cujos pesquisadores acreditavam que a lingüística ofereceria a metodologia mais avançada às ciências humanas, a partir de Saussure, Hjelmslev, Jakobson; realizaram aplicações formalizadas e taxionômicas em antropologia, narratologia, semiologia. Inserem-se nessa tendência, por exemplo, alguns trabalhos de Barthes no início dos anos 60; o projeto semiótico de Greimas; a antropologia estrutural de Lévi-Strauss;

c) **o estruturalismo especulativo**: incluem-se nessa classificação trabalhos com fortes matizes ideológicas e filosóficas, reincorporando às teses estruturalistas problemáticas de Freud e de Marx, em relação ao sujeito e à História, como, por exemplo Foucault, Derrida, Althusser, Lacan.

À parte o fato de que toda classificação é redutora⁸, ela nos serve, neste momento, para inserir os formuladores da análise do discurso dentro dessa tendência “especulativa” a fim de demarcar a sua grande diferença em relação aos outros “estruturalismos”: fundamentalmente, trata-se, na perspectiva de Foucault e Pêcheux, de historicizar as estruturas⁹, estabelecer uma relação tensa com os conceitos e métodos da lingüística saussureana, problematizando o corte entre língua / fala e, assim, fazendo retornar o sujeito e a história – que haviam ficado em suspenso na definição do objeto saussureano (*langue*). Da articulação entre propostas de Saussure, Marx e Freud

⁸ No período do “apogeu” do estruturalismo, as classificações eram usadas como sátira pelos detratores. É o caso do livro de Roger Cermant (que segundo DOSSE, 1994, p. 144, é pseudônimo do filósofo Clément Rosset) *Les Matinés structuralistes* (Laffont, 1969) no qual, em forma de *blague*, é apresentada a seguinte classificação: Foucault (“estruturalismo parvenu”); Barthes e Lacan (“estruturalismo precioso”); Michel Serres (“estruturalismo rústico”); Althusser (“estruturalismo neopositivista”) etc.

⁹ Essa “historicização”, como veremos, desfaz a oposição entre abordagem sincrônica e diacrônica, acentuando o fato de que ela foi muitas vezes mal-entendida, dando-lhe um sentido antinômico onde existe, antes de tudo, uma função metodológica. Essa posição adota pelos “pós-estruturalistas” tem sua fonte nos teóricos da Escola de Praga, que já haviam notado que “seria um grave erro considerar como sinônimos a estática e a sincronia. A cisão é uma hipótese de trabalho, é apenas um procedimento científico auxiliar, não um modo particular de ser (...)” (TRUBETZKOY, N. *Princípios de Fonologia*, 1932).

surgirão novos conceitos (sujeito, História, língua) e deles vai derivar o objeto “discurso”, tensionado por uma relação entre esse novo “estruturalismo” (releitura de Saussure), um novo “marxismo” (releitura de Marx) e uma nova teoria do sujeito (releitura de Freud). Nessa revisão, há um conceito específico de “história” que, evidentemente, não se trata da visão tradicional, mas de uma “nova história”:

A aliança com a Nova História permite a Foucault superar a alternativa entre método estrutural e de vir histórico, apresentando a nova história como uma das figuras possíveis nos estudos estruturalistas. Assim, ele considera a nova história como o terreno privilegiado para por em ação um estruturalismo aberto, historicizado, que os americanos chamaram de pós-estruturalismo. (DOSSE, 1997, p. 214)

Por operarem esses deslocamentos (nos conceitos de estrutura, de sujeito, de história), esses trabalhos receberam o rótulo de “pós-estruturalistas”, exatamente para acentuar as diferenças com aquilo que seria um “estruturalismo formalista” (“cientificista”, na classificação de PAVEL, 1988)¹⁰. Em entrevista realizada em 1983 – e, portanto, já na posição de “balanço” sobre o movimento estruturalista – Foucault afirma que não se sabia exatamente o que essa etiqueta de “pós-estruturalista” significava. Os que aplicavam o método estrutural em objetos específicos, como a lingüística, a mitologia comparada, talvez ooubessem, mas quando se ultrapassavam esses domínios bem estritos, ninguém sabia ao certo o que era o estruturalismo. Para Foucault (1983), essa questão deve ser colocada em uma perspectiva mais ampla e o estruturalismo ser entendido dentro dos diversos pensamentos formais que atravessaram a cultura ocidental durante o século XX. Assim, ele será visto como um pequeno episódio (e difuso) no interior de um grande fenômeno que se associou a movimentos políticos, como por exemplo, o Formalismo russo e a Revolução russa. Nesse sentido, o que se chamou de “movimento estruturalista” na

¹⁰ Frank (1989, p. 126), considerando que Foucault substitui a reflexão sobre a natureza e seus signos pelo estudo da série e do acontecimento, enfatiza que “a arqueologia de Foucault distingue-se claramente do estruturalismo taxionômico, como o de Lévi-Strauss”.

França e na Europa Ocidental, foi um eco do esforço realizado, em certos países do Leste (principalmente Tchecoslováquia) para se libertarem do dogmatismo marxista. Na Europa, esse movimento tomou uma nova forma, constituiu uma nova modalidade, pois se na Rússia dos anos 30 o marxismo rechaçou os formalistas, na França dos anos 60 as teorias formalistas foram agenciadas para lutar contra o dogmatismo do marxismo¹¹.

Recusando os rótulos – “estruturalista”, “pós-estruturalista” – afirma Foucault (1983 [2000, p. 310]): “estamos em um mundo plural, no qual os fenômenos aparecem deslocados, produzindo encontros bastante imprevistos”, e, assim, sintetizar o “pós-estruturalismo” como aquele que reúne Freud e Marx é muito simplificador. É preciso retomar o período anterior e entender que, entre 1945-1955, a universidade francesa tradicional tentou realizar a síntese entre Husserl-Marx, e gerar a relação fenomenologia-marxismo (Sartre; Merleau-Ponty; Ricoeur que não era marxista; Lyotard). Quando a forma de pensamento estruturalista se impôs, ela passou a fazer par com o marxismo, substituindo a fenomenologia – e essa passagem se deu essencialmente em torno da linguagem. Um momento muito importante foi quando Merleau-Ponty se deparou com o problema da linguagem: “pareceu que a fenomenologia não era capaz de dar conta, tão bem quanto uma análise estrutural, dos efeitos de sentido que podiam ser produzidos por uma estrutura de tipo lingüística, estrutura em que o sujeito, no sentido da fenomenologia não intervinha como aquele que confere o sentido” (FOUCAULT, 1983 [2000, p. 311]) – isso desqualificou a fenomenologia como capaz de falar da linguagem. A psicanálise, com Lacan, fazia aparecer um problema análogo a esse, pois o funcionamento do inconsciente não pode ser reduzido aos efeitos de atribuição de sentido dos quais o sujeito fenomenológico é capaz – e, por isso, o inconsciente não podia ser encaixado dentro da proposta

¹¹ Foucault acentua o paradoxo: o *Maió de 68* foi inspirado em referências dogmáticas a Marx, a Freud, ao estruturalismo, no entanto, estava animado por uma vontade anti-dogmática. (1983 [2000, p. 310])

fenomenológica. Diante dessa dificuldade, Sartre e Merleau-Ponty acusavam Freud de positivismo para afirmarem a concepção fenomenológica de sujeito constitutivo. Houve, portanto, um freudo-estruturalo-marxismo. No entanto, isso não foi geral: Canguilhem e seus alunos interessados na história da ciência não eram nem marxistas, nem freudianos, nem estruturalistas (id., p. 312). O que se pode generalizar, portanto, em relação a esse grupo que se denominou posteriormente como “pós-estruturalista”, foi o fato de que ocorreu uma insatisfação em relação à teoria do sujeito proposta pela fenomenologia e houve diferentes respostas a esse problema, seja indo a Freud, a Marx, a Nietzsche etc.

Quanto à releitura de Saussure, no interior desse “pós-estruturalismo”, a análise do discurso reconhece o seu papel fundador, o fato de que a lingüística introduziu vários problemas no campo das ciências humanas a partir de uma nova perspectiva que imprimiu rigor às investigações. Foucault sumariza esse reencontro com a Lingüística, em 1969, apontando algumas “dívidas” que as ciências humanas têm com a ciência da linguagem:

a) **A abordagem anti-empírica** pois “a lingüística não atua sobre coerções empíricas de átomos (raízes, flexões gramaticais, palavras), mas sobre conjuntos sistemáticos de relações entre elementos” (1969a [2000, p. 162]);

b) **A capacidade de generalização dos conceitos:** “[como] essas relações são independentes em si mesmas (...) são generalizáveis, podem ser transpostas além dos elementos de natureza lingüística. Seria possível, então, encontrar a mesma forma de relação não somente entre os fonemas, mas entre os elementos de uma narrativa, ou ainda entre indivíduos que coexistem em uma mesma sociedade” (id. ibid.). Entender a quais domínios essas relações de tipo lingüístico podem ser estendidas (relatos, mitos, relações de parentescos) é um imenso campo ao qual os pesquisadores estão convocados;

c) **A formalização das relações:** graças à lingüística, a causalidade foi substituída pela busca de relações lógicas. O retorno a

Marx operado pelo althusserianismo tenta liberar o marxismo de uma espécie de positivismo, desatrelando-o de uma causalidade primária e lendo nele “uma análise lógica do real” (id. p. 164-165);

d) **A nova concepção de linguagem:** A lingüística saussureana não considera a língua como uma tradução do pensamento ou uma representação do real, mas como uma forma de comunicação, num universo semiológico, ao estudar fenômenos como a moda, a pintura ... (id., p. 165);

e) **A relação com a História:** é comum a afirmação de que a lingüística estrutural, ao adotar a sincronia, afasta-se da História. Mas o ponto de vista sincrônico não é a-histórico e muito menos anti-histórico; não é escolher o imóvel contra o evolutivo por algumas razões: 1) não se deve identificar a História com o sucessivo pois é preciso admitir que ela é tanto a simultaneidade quanto a sucessividade; 2) a perspectiva sincrônica procura entender as condições da mudança, isto é, quais são as transformações que toda língua deveria sofrer para que um só dos elementos seja modificado. Assim, “longe de ser anti-histórica, a análise sincrônica nos parece muito mais profundamente histórica, já que ela integra o presente e o passado, permite definir o domínio preciso em que poderá se repetir uma relação causal, possibilitando passar finalmente à prática.” (id., p. 168) A concepção de “história” da Lingüística estrutural está ligada à renovação das disciplinas históricas, que introduziram as noções de *descontínuo* e de *transformação*;

f) **O discurso:** a lingüística permitiu estudar o que se pode fazer com a linguagem, isto é, o discurso. Os mitos, as narrativas populares, os contos de fadas, os textos histórico-religiosos... são feitos com linguagem, a língua serve de material para todos eles. A pergunta que os estudiosos se colocaram foi: “não se pode encontrar nessas obras estruturas análogas às estruturas que se encontram na língua?”

Assim, conclui Foucault em 1969:

a lingüística se articula, atualmente, com as ciências humanas e sociais

por uma estrutura epistemológica que lhe é própria, mas que lhe permite fazer aparecer o caráter das relações lógicas no próprio cume do real, fazer aparecer o caráter senão universal ao menos extraordinariamente extenso dos fenômenos de comunicação que vão da microbiologia à sociologia, fazer aparecer as condições de mudança graças às quais se podem analisar os fenômenos históricos, enfim, realizar ao menos a análise do que se poderia chamar de produções discursivas. (1969a [2000, p. 167])

Tanto nesse texto de 1969, quanto em outros desse período, Foucault expressa as críticas que se fizeram à relação entre estruturalismo, marxismo e história, que estão na base das propostas da análise do discurso. Em texto de 1970, ele argumenta que as relações entre Estruturalismo e História geraram vários mal-entendidos. Havia uma verdadeira batalha entre os estruturalistas e seus adversários, que consideravam o estruturalismo como a-histórico ou anti-histórico. Para Foucault (1970) e seus companheiros “pós-estruturalistas”, o estruturalismo é, antes de tudo, uma empreitada para oferecer um método mais preciso e rigoroso às pesquisas históricas. Assim, sem se desviar da História, o estruturalismo oferece uma forma de abordar rigorosamente os fenômenos históricos. Para confirmar essa relação entre os princípios estruturais e a história, Foucault cita os trabalhos de F. Boas (que, no início do século XX, utilizando o método estrutural em etnologia, libertou as pesquisas etnológicas do modelo “biológico” da evolução e permitiu desvelar as estruturas da sociedade); Trubetsky (que permitiu, em seus estudos de fonologia, passar da história da forma individual do som à história geral do sistema fonológico de toda uma língua) e Barthes (estudando a estrutura na literatura, permitiu que se pensasse na *escritura*, numa história da especificidade da literatura).

As críticas contra o estruturalismo vinham, principalmente, de duas frentes: da fenomenologia sartreana, que o acusava de abolir o tempo e o indivíduo; e de uma certa linha marxista, principalmente em relação à leitura que Althusser empreendeu da obra de Marx (eles o acusam de ser “teoricista”, de substituir a luta pela idealização científica). Para deslocar esses mal-entendidos, segundo Foucault, é

preciso compreender o conceito de história subjacente às teses dos estruturalistas. Não se trata da “história tradicional”, mas sim de uma “nova história”, que se esforça em dar forma rigorosa ao estudo das mudanças e atribui um novo estatuto e um novo sentido ao acontecimento.

De que maneira a análise do discurso francesa relacionou-se com o “estruturalismo”? Para responder a essa pergunta é necessário pensar sobre a maneira como a lingüística francesa incorporou as idéias saussureanas. Certamente, a recepção e a assimilação de Saussure no campo dos estudos da linguagem não foi linear e tranqüila. Do ponto de vista de Pêcheux (1982), esse relacionamento foi eivado daquilo que ele denomina como “diásporas e reunificações”: analisando a história epistemológica da lingüística, a partir da análise das alianças teóricas que se estabeleceram “com” e “contra Saussure”¹², ele mostra um “estranho destino” da história das idéias lingüísticas, no qual as determinações históricas provocaram sucessivas redes de afinidades que acabaram levando à “desconstrução teórica” do corte inaugural de Saussure.

Para Pêcheux (1982), a primeira *diáspora* aconteceu nos anos 1920, momento em que as idéias saussureanas vagaram de círculo em círculo – Moscou, Praga, Viena, Copenhague – sofrendo diferentes interpretações sociologistas, logicistas ou psicologistas. Nos anos 1950, ocorreu uma *aparente reunificação*, e, do funcionalismo de André Martinet o pensamento de Saussure se estendeu ao estruturalismo de Bloomfield, deste a Zellig Harris e até aos primeiros trabalhos de Noam Chomsky. Neles, “a herança do estruturalismo saussureano parecia se dirigir para suas melhores condições de realização, através da espetacular retomada, no nível sintático, dos fundamentos teóricos que Saussure havia formulado no plano fonológico e morfológico” (Pêcheux,

¹² Essa preocupação com a história epistemológica da Lingüística foi recorrente na obra de M. Pêcheux. Esse é o tema de outros textos seus, como “Remontemos de Foucault a Spinoza” (1977a), “Há uma via para a Lingüística fora do logicismo e do sociologismo?” (1977b), *La langue introuvable* (GADET & PÊCHEUX, 1981), e “Sobre os contextos epistemológicos da Análise do Discurso” (1983a).

1982 [1999, p. 10]). Essa aparente unificação da Lingüística coincidiu com a retomada do desenvolvimento industrial do pós-guerra e o conseqüente desenvolvimento e difusão de novas tecnologias (na produção, na formação profissional, na educação, na saúde). A “teoria da informação”, a psicologia behaviorista, a cibernética, a computação, a tradução automática, a inteligência artificial fizeram a Lingüística “matematizar-se”, buscando na lógica a natureza da linguagem. Apesar dos esforços de Roman Jakobson, “de fazer valer o estatuto poético da linguagem humana”, a Lingüística dos anos 1950 continuou presa nesse imaginário interdisciplinar da comunicação como “regulação funcional controlada” (PÊCHEUX, 1982 [1999, p. 16]).

Essa unidade acadêmica da Lingüística pós-saussureana novamente se esfacelou, no início dos anos 1960, sob o efeito de dois processos: a) a hegemonia teórica da Gramática Gerativo Transformacional; b) a (re-)leitura de Marx, Freud e Saussure, operada por Lévi-Strauss, Lacan, Althusser, Foucault, Derrida. A releitura de Saussure foi um dos principais motores desse movimento, cujo objetivo era separar a Lingüística do funcionalismo sócio-psicologista, apoiando-se, principalmente, nos trabalhos de Jakobson e de Benveniste. A análise do discurso francesa surgiu nesse contexto, como disciplina transversal fortemente marcada por essa conjuntura epistemológica. Ocorreu, nesse período que vai de 1960 a 1975, uma reestruturação global da rede de afinidades disciplinares em torno da Lingüística. Essa reestruturação foi obra do estruturalismo, que marcou o fim da hegemonia filosófica da fenomenologia e do existencialismo, possibilitando o aparecimento da antropologia estrutural, a renovação da epistemologia e da história das ciências, a psicanálise anti-psicologista, novas formas de experimentação na escrita literária, a retomada da teoria marxista. Quando as três teorias se encontraram (psicanalítica, marxista, lingüística/antropológica) criou-se um efeito subversivo, que trazia a promessa de uma revolução cultural. No contexto político dos anos 60, o efeito subversivo estruturalista ultrapassou o quadro universitário e a teoria e a literatura tornaram-se lugares de intervenção ideológica, afetando o conjunto do campo sócio-

político. Instaurou-se, dentro da análise do discurso, *um trabalho do significante no registro político*, visando a uma nova maneira de ouvir a política. O final dos anos 60 é, portanto, uma época de **releituras** de Saussure, Freud e Marx. Pêcheux refere-se a eles como a “Tríplice Aliança” que estará na base do desenvolvimento da análise do discurso. Ao avaliar as estruturas profundas, subjacentes, que se ocultam por detrás dos fenômenos, as visões de Marx (a infra-estrutura econômica) e de Freud (o poder do inconsciente) são “estruturalistas”. Ambos entendem os fenômenos sociais ou comportamentais como obrigatoriamente condicionados por forças impessoais (o Capitalismo, o Superego), deslocando, desde então, o problema do estudo da consciência ou das escolhas individuais para um quadro bem mais amplo, dos macro-sistemas. Para Marx e Freud o sujeito resulta de uma construção, deriva de sistemas impessoais (no marxismo, o sistema econômico; na psicanálise, o inconsciente; na antropologia estrutural de Lévi-Strauss, as relações de parentesco determinadas pelo totemismo). Os indivíduos, por conseguinte, nem produzem nem controlam os códigos e as convenções que regem e envolvem a existência social, a vida mental ou a experiência lingüística.

Segundo Pêcheux, o encontro teórico e político entre o estruturalismo e o marxismo, na França dos anos 1960, representou uma tentativa anti-positivista que visou apreender e explicar o entrecruzamento entre a linguagem e a história. (1983c, p. 44). Desse movimento derivaram novas práticas de leitura dos discursos e, assim, a partir de Marx, Freud e Saussure criou-se uma base teórica inédita, na forma de “uma construção crítica que abalou as evidências literárias da autenticidade do ‘vivido’, assim como as certezas científicas do funcionalismo positivista” (1983c, p. 14). Problematizando as evidências da ordem humana como estritamente bio-social, Marx, Freud e Saussure colocaram em causa a articulação dual do social com o biológico que excluía o simbólico e o significante. Eles atacaram o “narcisismo da consciência humana” e fizeram pesár uma suspeita absolutamente explícita sobre o registro do psicológico (sobre as psicologias do “ego”, da “consciência”, do comportamento, do sujeito

epistêmico). “Esta suspeita não é engendrada pelo ódio do estruturalismo à humanidade (...) ela traduz o reconhecimento de um fato estrutural próprio à ordem humana: o da castração simbólica” (1983c, p. 46).

Ainda segundo Pêcheux (1982), a partir de 1975 esse movimento revolucionário começa progressivamente a desmoronar, com a crise do estruturalismo e do marxismo. Instala-se, então, o que ele denomina “a revolução cultural abortada”. Esse esgotamento dos efeitos do movimento estruturalista acarretou, para a análise do discurso, uma reconfiguração de seu dispositivo de embasamentos epistemológicos. Essas mudanças nas filiações teóricas e políticas irão se refletir nos projetos de Foucault e Pêcheux e no percurso de construção da análise do discurso, por sua forte vinculação com as teses do estruturalismo e do marxismo e pelas relações que ela estabeleceu com a obra de Althusser.

1.2 Sete anotações sobre uma figura nuclear: Althusser

1 O alcance das idéias althusserianas: O que se convencionou chamar de “escola althusseriana” era um grupo de trabalho informal freqüentado por alguns dos jovens franceses mais brilhantes dos anos 1960 - 1970, sob a influência de Althusser. Além de Étienne Balibar, seu companheiro mais próximo e constante, estiveram ainda a ele ligados, mais ou menos intensamente, Roger Establet, Pierre Macherey, Jacques Rancière, Michel Pêcheux, Michel Fichant, François Regnault, Alain Badiou, Robert Linhart, Yves Douroux, Nicos Poulantzas, Jacques-Alain Miller, Régis Debray, Dominique Lecourt, Saul Karsz, Bernard-Henri Levy e outros. As investigações iam da literatura às matemáticas. Vários eventos históricos foram por eles organizados: um seminário sobre ‘O Capital’ (1964-65), resultaria no livro *Lire le Capital* (1965); o curso de filosofia para cientistas (1967-68); o *Círculo de Epistemologia*, no qual compareceram vários

pensadores da época; a publicação dos *Cahiers pour l'Analyse*. Nas lutas de *Maio de 68*, destacou-se uma espécie de “esquerda althusseriana” que fundou os *Cahiers marxistes-leninistes* e provocou a desconfiança nos quadros mais tradicionais do Partido Comunista Francês. Vários intelectuais iniciaram suas carreiras através do apoio de Althusser, como, por exemplo, Jacques Lacan, que realizou seu *Seminário* na *École Normale*. Foucault e Derrida (alunos de Althusser, como também o foram Pierre Bourdieu, Giles Deleuze, Michel Serres, Jacques Bouveresse, André Comte-Sponville...), a despeito das diferenças teóricas e ideológicas, estavam sempre próximos ao grupo. Dumézil, Barthes, Braudel, Cangilhem e Cavaillès assistiam aos cursos e discussões, nos quais Spinoza e Nietzsche eram lidos avidamente¹³. Nesse contexto pleno de discussões teóricas e políticas, o famigerado “estruturalismo” passeava livremente pelos corredores da *École* e pelos cafés da *Rive Gauche*.

No âmbito político, as propostas dos althusserianos contestavam a validade das posições oficiais do PCF, realizando um grande debate sobre as relações entre o marxismo e o humanismo, motivado pelo confronto entre Roger Garaudy – que sustentava a tese do marxismo humanista – e Althusser, que propunha o anti-humanismo teórico¹⁴. O retorno aos textos fundadores do marxismo, num enfoque puramente teórico e exegético permitia escapar da culpabilização do comunismo após a descoberta dos crimes stalinistas¹⁵. Para o PCF significava estabelecer uma nova relação com os intelectuais e a saída do

¹³ Assim se expressou Althusser (1964): “Sabemos que no decurso do século XIX nasceram duas ou três crianças que não eram esperadas: Marx, Nietzsche, Freud. Filhos ‘naturais’, no sentido em que a natureza ofende os bons costumes, o direito, a moral e o bom-viver: natureza, isto é, a regra violada, a mãe solteira, a ausência de pai legal. A uma criança sem pai, a Razão Ocidental fá-lo pagar caro (...): preço contabilizado em exclusões, condenações, injúrias, miséria, fome, morte ou loucura.”

¹⁴ Os intelectuais ligados a Garaudy irão sempre criticar o afastamento que os althusserianos realizam em relação à prática concreta, o encerramento das teses marxistas dentro de um “teoricismo”, e denominarão, ironicamente, as propostas de Althusser de “marxismo místico”.

¹⁵ Uma crítica virulenta encontra-se em Thompson (1978), para quem as posições althusserianas constituem “um planetário de erros”.